

REMINISCÊNCIAS

Francisco José Ramires

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Luana Helena Ribeiro

FOTO DA CAPA: Alberto de Paula Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R173r RAMIRES, Francisco José –.
Reminiscências / Francisco José Ramires – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.

140 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-548-5

1. Contos. I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

uma ripa e outra, à noite, vê-se a luz e as sombras passantes dos habitantes abaixo, no porão: a mãe e seu filho pequeno, de uns sete anos. A morada tem mais de sessenta anos e fora habitada por muitos tipos, alguns mais asseados (normalmente, mulheres), outros nem tanto. No acúmulo dessas almas, a construção apresenta-se tão somente como resultado de descuidos intrigantes, sucessivos e imemoriais. Há certa graça nesse exemplar antiquíssimo do bairro, encravado nos fundos de uma fileira de casinhas alinhadas em declive, coloridas em tons pastéis, uma ou outra destoando. Mas habitar esse espaço? As camadas de tempo e poeira e fezes de rato, diminutos pontos pretos alongados, distribuídos pelo chão, no ladrilho avermelhado da cozinha, às vezes, no lençol sobre a cama? A vida se acomoda.

Há uma cadeira também: branca, de pés cromados, afeita aos novos dias. E o corpanzil do morador, que se senta nela neste momento. A cômoda serve-lhe de mesa, com alguns livros alinhados. Um deles empunhado pelo homem. Deste ponto, não é possível saber-lhe o título, mas basta um deslocamento e já se vê a capa dura avermelhada, as letras douradas, desgastadas e emolduradas: “Memórias póstumas de Brás Cubas”. As mãos trêmulas são percebidas mesmo de longe, os olhos do homem, indecisos entre a leitura e a própria mão arredia. Ler começa a despender uma energia maior que o normal e a concentração torna-se inútil. Dessa vez, o livro é aberto na última página: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. “E a minha miséria?”, talvez ele pense. Já lera o volume quatro ou cinco vezes, mas somente hoje, nesta noite, está a sentir tais desconfortos, encerrado em um corpo que perde mobilidades e se desengonça. E esta solidão. Não pôde ter filhos, por natureza e covardia, urdidias. De modo que se tornaram pesados e viçosos os dias naquele cômodo. A vida é dura quando se é um covarde.

É triste vê-lo assim. A coluna é recurvada e, combinada com a altura, dá-lhe uma esqualidez peculiar: um encolhimento cabisbaixo, de gente vencida. O ventre pronunciado, os cabelos formando uma auréola grisalha a circundar o topo calvo do crânio. Os óculos de lentes e aros grossos, tortos na face. Não, não se trata de tristeza. É apenas uma vida dentre tantas encapsuladas nos desvãos das grandes cidades, nas próprias escolhas. É preciso roçar o asfalto para encontrar as escolhas rotas. Os olhos fixos no fim do romance, o pranto em suas primícias, as golfadas se sucedendo. Ergue-se e vai direto para a pia, as mãos em forma de conchas, a levar água ao rosto. De repente, a leitura é retomada, agora, das primícias. Teria ele a intenção de relê-lo com o viés dessa dor antiga? Nesta casa? O espaço transforma as histórias, impingindo-lhes dobras e nódoas, como às almas.

Certa feita, sentiu uma tontura e caiu. O ruído surdo do corpo contra o madeiramento do chão atraiu a atenção do garotinho que morava logo abaixo. Cheio de curiosidade, ele saiu de sua casa, subiu pelo quintal e viu a porta aberta. Entrou e enfrentou o corpo desfalecido, pernas e braços estendidos e dobrados em uma posição curiosa, até mesmo cômica. O garotinho se agachou, cutucou o homem, mas ele não se ergueu. Sem saber o que sentia e com naturalidade, regressou ao porão. Assim que a mãe retornou do trabalho, contou-lhe o ocorrido, com os olhos fixados em um desenho animado que era exibido na TV. Ambos subiram. Após verificar que o homem ainda estava caído, a mulher solicitou que uma vizinha ligasse para o serviço de resgate. Como ela não podia deixar o filho sozinho, devia fazer o jantar e não tinha parentesco algum com aquele homem, prontificou-se a fechar a casa e manter a chave sob seus cuidados até que ele regressasse do hospital. Sinal de boa vizinhança. No dia seguinte, ele pegou de volta a chave, lacônico, todavia, grato. Ela tentou encetar conversa, mas sem

sucesso. Todos ali tinham suas desconfianças recônditas, mas ele pagava o aluguel em dia, tinha livros. Diziam que era professor, mas não sabiam com exatidão. E os dias seguiam, no fim das contas, levando esquecimentos a todos, uns se acostumando aos outros, aos ditos e não ditos. O silêncio o desfigurava e atraía inquisições.

Claro, ele deve ter pensado muito acerca da queda: morar sozinho e, de chofre, um mal súbito e fim, sem que houvesse quem acudir ou avisar. Não tinha memória alguma do ocorrido. Era como se houvesse deixado de ser ele mesmo. Um desligamento inesperado, como num mecanismo qualquer: avaria. Antevia a própria morte em sua imaginação para sabê-la, ver-se morto, não sem uma vaidade mínima ao olhar para as poucas pessoas a seu redor. Apenas os vizinhos, nenhum amigo. Reunia forças para imaginar como seria o limiar entre o espírito e o corpo inerte, agarrando-se à consciência até o instante derradeiro. Quanto duraria esse alongamento do tempo? Perguntava-se: onde havia errado, a ponto de não restar amizade nestes dias? Quando deu por si, uma sucessão de matrimônios, nascimentos, trabalhos, viagens, esposas, estados de espírito fiava a urdidura da existência. E nela, sua solidão, única. Teve medo de ler um discurso de formatura de David Foster Wallace, enovelar-se em um dia particularmente vazio, sem retorno possível. Atinar para o fato de que sua vida inteira talvez seja esse pequeno dia, quando a consciência se desfaz e, em seguida, o corpo no chão, corolário lógico. Quiçá por esse motivo desistiu de Brás Cubas. Seria capaz de abandonar o mundo? Havia culpa em suas feições, no terno puído, em suas maneiras franciscanas sem Deus?

A solidão de quem tem sangue nas mãos. Ele carregava uma morte, oculta, um nó na garganta. Foi repentina, destituída de intenção. Voltava para casa à noite. De repente, um garoto o

abordou, faca em punho. Treze ou quinze anos de idade. Ficou atônito, pulso acelerado. Deixou cair o relógio e quando o garoto foi pegá-lo, um chute bem no rosto. “Moleque”, gritou. Ele não se esquece do ódio com que essa palavra foi desferida entre um pontapé e outro: moleque, moleque, moleque, e os chutes e golpes em diversas partes do corpo, até um fio de sangue rubro escorrer pela calçada, alongando-se velozmente. Aturdido, tomou o caminho de casa, correndo furiosamente pelas ruas. No local onde ocorrera o crime, não havia passante ou mesmo câmeras. Nenhuma cortina levemente recuada, desnudando olhares furtivos. Somente o desespero daquela noite, a fuga, a negra noite entrando pelos olhos, endurecendo os músculos, trazendo lágrimas aos olhos e manchas rubras espaçadas na calçada, cada vez menores. A bota, empapada de sangue que já estava a secar, ele só notou em casa. Arrancou-a e, na pia, pôs-se a esfregá-la, a água corrente a escurecê-la, empalidecendo a nódoa da morte. De repente, pensou que haveria uma trilha de vermelho vivo, denúncia de seu ato e de suas sombras. Saiu à rua, corpo envergado, quase a palmilhar a calçada, a refazer o trajeto até próximo ao moleque. Recordou-se do corpo inanimado e ficou-se no meio do caminho. O sangue teria escorrido totalmente? Uma vida deixa uma poça de que tamanho na rua? Parou no centro da noite, um dos pés descalço. “Maldito moleque!”, pensou. “Putá que pariu!” E regressou, decidido a se mudar, a pagar a multa do contrato de aluguel, a imaginar motivos. Foi nessa época que começou a morar onde, ontem, caiu no centro do quarto: moleque. Esse assassinato ocorreu há exatos trinta e cinco anos.

Não tinha certeza se o garoto havia passado para o além. Os jornais não noticiaram a ocorrência. Ao menos os grandes não, e ele não se preocupou em verificar os pequenos periódicos de circulação local, gratuitos, distribuídos em restaurantes e lojas de

comércio e serviços. No dia seguinte, fez um novo percurso para ir e voltar do trabalho. Nessa época, a mão ainda não carregava os tremores. Cinco ou seis dias depois, decidiu fazer o trajeto normal. No local, não havia corpo e o fato de não haver, tampouco, sinal de sua ira, do baque da carne contra o cimento, do fio de sangue que se espalhava qual rio desaguando no oceano, trouxe-lhe desconfiança ao espírito: já não estava certo de que a morte se dera ali, na vizinhança. A metrópole tornou-se terra estranha. Sentiu uma esperança: a cidade funcionava da mesma forma que sempre, sem sinal aparente de transformação com um vivente a menos. Aquele assassinato já fora esquecido. Os veículos passavam e ele pensava nas pessoas como transeuntes. Todavia, por segurança, era preciso manter o plano: mudar-se para longe dali. E assim o fez.



Acordou assustado, desfecho de um sonho. Nele, passou as mãos sobre os olhos e notou que algo gosmento e esbranquiçado ficara grudado bem no centro da palma de sua mão. No miolo, um diminuto fio escuro. De repente, aquilo começou a se mover e crescer, assumindo as feições de um verme propriamente dito, saído de si, de seus olhos. Assustou-se: um fio de terror espessando-se em sua garganta, nodoso, ativando o coração num ritmo arredio. Ao fim, a vida seria assim, com um impulso final. Procurou-se no espelho e viu que a face carregava rugas espalhadas em toda a pele, desfigurando-lhe totalmente as feições, a pele quase a escorrer, flácida. Os olhos ainda estavam lá, todavia, os globos quedavam murchos, ocultos em orifícios esquálidos que já não traziam nem mesmo a forma da cavidade óssea por onde se sabe a alma dos viventes. Era muito mais do que uma simples velhice. Era terrificante ver-se

daquela forma. E teve a sorte de despertar, não sem a sensação fúnebre de ser habitado por seres que talvez estivessem a lher as entranhas, imperceptivelmente. Isso explicaria as quedas, os desmaios, o candor com que passara a olhar as crianças e seus movimentos plenos de vida? Haveria um bicho em sua cabeça? Transtornado, as unhas produziam ferimentos em seu crânio. Despertou, exasperado.

Sentiu um medo terrível da morte. Enquanto tomava o café, já no balcão da padaria, ensimesmado e encurvado, paletó puído, ele refletia sobre aqueles desligamentos repentinos de seu corpo. Passara a habitar um maquinismo avariado, sem possibilidade de restauração. As pessoas ao redor tinham sobre si um efeito estranho: ele as temia, evitava-lhes a mínima intimidade. “O misantropo do conto machadiano”, pensava. Um mero olhar de qualquer passante era interpretado como a descoberta dos terríveis segredos que ele guardava em seus recônditos. Nesses momentos, demonstrava nítido desconforto, concentrava-se em si mesmo, a verificar se seus movimentos denunciavam algo que não poderia ser mostrado ao público. Comprou um espelho grande e, em casa, ensaiava maneiras de caminhar que lhe conferissem invisibilidade, como se a metrópole em si já não lançasse as vidas num torvelinho de mesquinhez incontornável. Aproximava o rosto do espelho e se olhava nos olhos, erguendo as pálpebras com o auxílio do dedo, e aguardava.

Em seguida, regressava a seus passos e interpretações. Nesse ínterim, quem sabe o garoto e sua mãe, habitantes do subsolo, não se pusessem a tecer variadas teorias acerca daqueles passos cadenciados, como se, lá de baixo, fosse possível visualizar os ruídos como círculos perfeitos em sentido horário? E quando mãe e filho explodiam em gargalhada suscitada por um programa de humor, os passos cessavam, não sem um estranho constrangimento, como se os três habitassem o mesmo espaço e de-

vessem, uns aos outros, medidas e discrições necessárias a uma vida em comum. Ou pior: como se habitassem um elevador, os movimentos, sons e olhares sempre acanhados, digladiando-se, indecorosos. A felicidade alheia era-lhe uma dor, numa parte qualquer esquecida do corpo. Sabia-a porque lhe doía.

As vidas se emaranhavam de tal forma que o ar viciado imiscuía-se pelos vãos das madeiras do chão, levando solidão de cima para baixo, e amor, com suas palavras e ruídos, de baixo para cima. Ou talvez fosse simplesmente a proximidade do Natal. Para esse homem, sempre fora um período deveras dolorido. Não, efetivamente, este é um raciocínio mentiroso. Havia lembranças festivas reativadas de quando em quando, mas sem grande entusiasmo. Contudo, tão mais vivas e contundentes eram as dores da família, mais sua mãe vencia o Natal a custo, sempre a dizer que estava próxima da morte, desgostosa com os rumos que a existência havia tomado. E é vedado a todos desviver. Seu corpo vergava e amiudava, a ponto de talvez ser necessário pensar que seu espírito era obrigado a se adaptar a uma existência que se estreitava a olhos vistos, apertando-se. Vê-la daquela forma era uma intromissão indevida na sua mais pura intimidade. E o pior: essa era a última imagem de sua mãe que ficara cravada em seu corpo.

Não se esqueceria da mãe, que estranhamente se misturava ao garoto estatelado, o corpo dela sujo com o sangue dele. Mesmo o retrato da parede era insuficiente. Os braços fortes; o batom bem marcado, nítido; os olhos miúdos, todavia, vivazes; o colar de pérolas existente apenas naquela mistura entre fotografia e retrato, falso. Uma mãe falsa, inventada por um artista de rua sob um mecenato paterno.

Um frêmito ativava a recordação de sua mãe de quando em quando. Passava pela rua em direção ao lar, num dia que haveria de se acumular, despercebido, como tantos outros. Um

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2019.
